



A riqueza do romanceiro e outras tradições orais das Ilhas dos Açores

Agradecimentos

Este trabalho foi realizado nos Açores graças às facilidades concedidas pela Comissão Cultural Luso-Americana que dirige o programa Fulbright-Hays em Lisboa, embora, de princípio, se destinasse exclusivamente a ser efectuado no Continente. Estou especialmente agradecida à Comissão pela grande compreensão que manifestou em relação a este tipo de estudo e pelas gentis facilidades por parte do Dr. Carlos de Azevedo, secretário executivo; Maria Natália Sanches de Baena e Margarida Reis e Sousa, funcionárias daquela Comissão. Quero agradecer de maneira muito particular à fundação Fulbright-Hays pelo facto de me ter renovado a bolsa de estudo por mais nove meses, quando compreendeu que ainda havia uma grande riqueza da tradição oral nos Açores e que era muito importante fazer a recolha imediatamente e o mais completamente possível nesta altura, antes que tudo desapareça por causa da enorme emigração e da influência da vida moderna. Nesta ocasião gostaria de agradecer às pessoas que reviram este artigo de modo a que ele pudesse sair já nesta altura: ao Dr. João da Cruz Nunes (professor no Seminário Menor, Funchal) que, além de rever o artigo, me proporcionou a orientação inicial para toda a ilha da Madeira; ao Pe. Alfredo Vieira de Freitas (professor no Seminário Menor, Funchal) que tem compilada uma valiosíssima colecção de romances, acontecimentos locais, literatura de cordel, contos, lendas e cantigas provenientes de muitos lugares da Ilha da Madeira; ao Pe. Ernesto Fernandes de Freitas (Pároco e professor do Externato de S. Vicente, Madeira) que, além de rever o artigo minuciosamente, me orientou para a recolha em vários sítios do Vale de São Vicente; ao Mons. J. Machado Lourenço (professor no Seminário, Angra do Heroísmo), que com todo o seu entusiasmo pela documentação destas tradições, me

deu a orientação inicial para a recolha na ilha Terceira, pedindo-me, antes de eu sair da ilha, que eu contribuísse com um artigo na “Atlântida” sobre a recolha feita nos Açores, o que deu origem a este resumo; ao Dr. Francisco Carreiro da Costa (Vice-Presidente da Comissão Reguladora dos Cereais em Ponta Delgada, São Miguel, cujos estudos sobre as tradições e costumes açorianos têm sido transmitidos pela Emissora de Ponta Delgada e publicados em jornais e revistas), que, além de rever este artigo, me ajudou com as suas importantes informações e referências, algumas das quais foram aproveitadas na preparação deste artigo; e ao Dr. Luís Felipe Lindley Cintra (Professor da Faculdade de Letras na Universidade de Lisboa) que, pelo seu entusiasmo pessoal na sua própria recolha em certas províncias, tem inspirado interesse na elaboração de várias dissertações linguísticas no Continente e nas Ilhas Adjacentes, que incluíssem materiais da tradição oral. Foi preciosa a colaboração do Dr. Samuel G. Armistead (Catedrático de Línguas Românicas na Un. de Pennsylvania) na orientação geral, estímulo e entusiasmo constante, desde as minhas primeiras tentativas na recolha da tradição oral na Califórnia entre os emigrantes açorianos e madeirenses até a todo o percurso nas próprias ilhas, à revisão deste artigo, à identificação dos temas; ofereceu-me os seus catálogos e bibliografia e permitiu-me ler partes da sua monografia em preparação: *Judeo-Spanish Ballad Chapbooks of Yakob Abraham Yoná*, feita em colaboração com o Dr. Joseph H. Silverman. Todo este projecto se deve em maneira especial ao Dr. Wayland D. Hand (Director de The Center for the Study of Comparative Folklore and Mythology na Universidade da Califórnia, Los Angeles), cujo oferecimento de facilidades em The Center... e cujo interesse e estímulo no início da minha recolha na Califórnia e durante a preparação da minha tese de Licenciatura: *Portuguese Traditional Ballads from California*, dirigida por Dr. Samuel G. Armistead e apresentada na Universidade de Califórnia, Los Angeles, teve um grande contributo em motivar a extensão desta recolha nas próprias ilhas, por meio do apoio e manutenção da bolsa Fulbright-Hays. Mas o resultado do trabalho é devido sobretudo a centenas de pessoas e à sua extraordinária colaboração em me oferecer transporte, em me ajudar a transportar as máquinas, em me guiar na procura das pessoas mais indicadas no campo, até em hospedar-me em toda a parte e contribuir pessoalmente com toda a riqueza transmitida oralmente de geração em geração.

A recolha feita

Com a bolsa de estudo Fulbright-Hays de intercâmbio cultural entre os Estados Unidos da América do Norte e Portugal, cheguei aos Açores no dia 17 de Maio de 1969 para investigar vários elementos da tradição oral. Comecei na Ilha do Faial, no dia 23 de Maio de 1969 e concluí

a recolha no dia 19 de Abril de 1970 em São Miguel, despedindo-me das ilhas dos Açores no dia 24 de Abril, sentindo bem o que é experimentar a saudade deste arquipélago. Dediquei onze meses a correr as nove ilhas dos Açores, andando de lugar em lugar, dando maior atenção aos mais isolados onde se continua num modo de vida antigo.

Só a Ilha Terceira foi menos investigada por várias razões: limitação de tempo, dificuldade em estabelecer contactos nos lugares afastados da cidade por causa da época do Natal e doença pessoal. No entanto, em certos lugares de maior interesse pude penetrar. Por exemplo os Altares e o Porto Judeu, onde a matriarca Maria Augusta de Castro, poetisa popular, com os seus 92 anos de idade, ainda se lembrava dos romances antigos, “daquele tempo”, como o povo costuma dizer. Ela é um exemplo excepcional da dedicação em criar versos, sem esquecer os romances antigos. Em geral, há separação entre as pessoas que criam versos populares e as que decoram versos antigos. Em São Mateus, também lugar de máximo interesse, um mestre da caça de baleia, José Fernandes da Costa, conhecido pela alcunha de Garajau, foi o contista mestre que achei na Ilha Terceira; reproduziu contos durante oito noites seguidas.

Na Ilha de São Miguel, não penetrei nas freguesias perto da cidade de Ponta Delgada, por estarem mais em contacto com a vida moderna, a não ser na região dos Arrifes, onde encontrei teatro popular vivo. Também a parte mais ocidental da ilha foi pouco tocada. Nos Mosteiros, parte ocidental, contactei com uma senhora que sabia muitos romances tradicionais, um dia antes de ela embarcar para a América. Por todas as ilhas, o povo constantemente me referia pessoas já embarcadas havia dias, meses ou anos. Por outro lado, falaram dos falecidos havia já trinta a cinquenta anos que sabiam muitas histórias e contos. Os concelhos de Vila Franca, Povoação e Nordeste foram os mais explorados. Aqui, achei grande quantidade de romances e contos tradicionais. No entanto, continuam indícios do romanceiro e dos contos tradicionais numa última fase de existência nos lugares mais isolados, mesmo dentro de concelhos populosos e evoluídos, como nos concelhos da Maia, Ribeira Grande e Lagoa. Na Ilha do Faial, faltou-me investigar a região entre a Horta e o Salão. Nas outras ilhas — Graciosa, São Jorge, Pico, Corvo, Flores e Santa Maria — abordei quase todas as freguesias e sítios.

A recolha foi feita por meio de gravação. Das nove ilhas, arqueei 145 fitas em que estão gravados mais de 2.900 textos, com a seguinte distribuição:

Há pelo menos:

900 textos do Distrito da Horta (Ilhas do Faial, Pico, Corvo e Flores);

1080 do Distrito de Angra do Heroísmo (Ilhas Terceira, Graciosa e S. Jorge);

935 do Distrito de Ponta Delgada (Ilhas de São Miguel e Santa Maria).

De todas as ilhas, a maior recolha foi feita em São Jorge que forneceu 645 textos, em cinco semanas e meia de pesquisa.

Recolhi principalmente o romanceiro tradicional, com mais de 1.000 variantes sobre pelo menos 50 temas identificados. Há vários outros temas que ainda precisam de ser estudados para ver se pertencem ao romanceiro tradicional ou não. Achei o romanceiro mais vivo nas ilhas das Flores, São Jorge, Graciosa, São Miguel e Santa Maria. Despendi pouco tempo na Graciosa e Santa Maria, mas em duas semanas, na Graciosa, achei 85 textos do romanceiro e, na Ilha de Santa Maria, outros 87 no espaço de 10 dias. Cada pessoa que contava romances também conhecia muitas histórias que pertencem ao género da “literatura de cordel” e acontecimentos locais.

Por razão da limitação de tempo e de fitas de gravação, sacrifiquei em muitos casos o que pertencia a estes géneros para aproveitar o romanceiro. Algumas destas pessoas sabiam também alguns contos tradicionais. Houve alguns contistas que conheciam uns quantos romances antigos; mas em geral fazia-se a separação dos campos. Parece que o povo procura especializar-se nestes géneros. Até os cantadores conhecidos do povo se especializam na “chamarrita”, desafio ou cantigas de baile e em geral não conhecem o romanceiro.

Demorei-me outros dez dias em Santa Maria só para gravar cerca de 90 contos tradicionais. Destes 90 contos, 82 foram contados pelo contista José Inácio Resendes, conhecido pela alcunha de José d'Alto, camponês de Santa Bárbara. O seu repertório em grande parte pertence ao género de “contos de encanto” e inclui também algumas anedotas. Era solicitado por certos grupos de pessoas para as entreter nos seus trabalhos durante os serões enquanto bordavam, fiavam, desfolhavam milho, etc. Outro contista, Guilherme Alexandre da Silveira, pescador, dos Cedros, na Ilha das Flores, também forneceu uma grande quantidade de contos. Durante cinco dias, contou-me 37 contos, em 34 horas de entrevista. Também a maior parte destes eram contos de encanto. É exemplo de verdadeiro contista, como o Garajau e o José d'Alto, que nunca se cansa de contar contos. Até ao último dia em que estive na ilha das Flores, contou durante 12 horas exceptuando apenas as horas das refeições. E em vez de descansar, quando, à uma hora da manhã eu estava a recolher os microfones e gravadores para tomar o barco que saía para o Faial às duas da manhã, ele continuava ainda a contar mais um dos seus contos! Narrar contos tradicionais é um divertimento popular entre os pescadores nas Flores. Mas não encontrei quem tivesse um repertório como o dele. Os pescadores, às vezes de brincadeira, dizem que para escutar um conto, é preciso ficar com a boca aberta e “os olhos grandes”, como se se acreditasse em tudo. Estes grandes contistas eram analfabetos que aprenderam os contos de outras pessoas antigas que também não sabiam ler nem escrever e que por sua vez os tinham aprendido de outros.

Na Urzelina, São Jorge, até há poucos anos existia um centro de contistas, onde era costume a gente da freguesia reunir-se ao redor de três ou quatro contistas nos serões, para ouvi-los narrar contos em competição uns com os outros, a ver qual tinha mais jeito para contar. Aqui, fiz uma

pesquisa durante uma semana, mas disseram-me que os grandes contistas já tinham morrido. Os contistas de menor idade que contribuíram para esta colecção eram dois rapazes, um do Loiral do Meio, na Ilha de São Jorge e outro de Malbusca, Santo Espírito, na Ilha de Santa Maria. Os dois rapazes tinham doze a treze anos de idade. É nesta idade que os de maior jeito começam a formar-se como contistas. Começam mesmo nesta altura a aprender a narrar utilizando os gestos característicos dos contistas de idade. No entanto, verifiquei que os de maior idade, já conhecidos como os melhores contistas, eram os mais activos e mais emotivos quando narravam os contos. Utilizavam até a mesa ou uma cadeira ou qualquer outra peça de mobília para ajudar a recriar e a reviver os contos, como lhe foram contados pelos antigos “daquele tempo”. Tenho este facto documentado com uma grande quantidade de fotografias, registando os gestos e movimentos mais significativos do contista a narrar um conto. Temos um verdadeiro teatro em casa.

Constatei que em geral a narração de contos pertencia mais ao homem que à mulher e que o romanceiro tradicional era cantado ou dito mais pela mulher do que pelo homem. Encontrei poucas excepções. O conto continua a pertencer a períodos de descanso e divertimento, quer no fim do dia nos serões, quer num intervalo de trabalho no campo, por exemplo esperando que a chuva pare, ou na pesca à noite. Em contrapartida, o romanceiro acompanha os trabalhos da mesma pessoa que transmite o romance enquanto está a lavar loiça, a amassar o pão, a fiar, a bordar, a trabalhar no campo, a tecer, a cozinhar, etc. Em poucos lugares onde continua a vida à maneira antiga, achei o romanceiro vivo nos períodos de descanso e até acompanhado pela viola. Nestas ocasiões os vizinhos juntam-se e o romanceiro é transmitido a muitos. Também os avós contam os romances aos netos, quando estes se vão deitar. Às vezes, o contista trabalha, desfolhando o milho quando narra um conto, mas, em geral, conta enquanto os outros trabalham ou só na altura do descanso. No total, tenho entre 460-500 textos de contos tradicionais. Alguns dos mais conhecidos, de encantamento, incluem temas como: “O peixe grande”, “O pássaro verde”, “O filho do ferreiro”, “Touro azul”, “O rei cego”, vários contos da “Fera com sete cabeças”, “Os sapatos de ferro”, “As torres vermelhas”, “Torre de Babilónia”, “O navio d'oiro”, “Mama na Burra”, “José Soldado”, “Os três cabelos do Diabo”, “João pequenino”, “Pele da burra”, “O cão leão”, “A filha que gosta do pai como sal” e “A bela adormecida”. Embora muitos destes textos já apareçam em edições populares, continuam a contar-se as versões antigas, diferentes das impressas. Há uma quantidade de contos deste género de temas menos conhecidos. Também há vários contos de tolos, de princesas e adivinhas, de menosprezar dos padres, frades, gigantes, e do “rapaz forte”.

Da “literatura de cordel”, acontecimentos locais e outras narrativas em verso, tenho mais de 300 textos. Nestes géneros a memória do povo apoia-se nos folhetos. Os que sabem ler decoram

os versos que leem, os analfabetos decoram os versos com o auxílio de outra pessoa que os recita dos folhetos ou cadernos escritos à mão, copiados de outros que possuíam os folhetos ou que conheciam os versos de cor. Por exemplo, temos na memória do povo: “Jacinto Pedro”, “A morte do rei Dom Carlos”, “A disputa de água e vinho”, “O noivado do sepulcro”, “Casamento infeliz”, testamentos vários como o do galo, o da raposa, o do porco, e o da vaca trigueira, “O marujo”, “A vida do jogador”, “João de Calais” (este tema existe em prosa e em verso), “António e Leonor”, “O barqueiro”, “Menina na confissão”, “Antoninho vai para a aula”, “O rude trabalhador”, “Dia de juízo”, “Ernesto e Carlota”, “O coelho mais a coelhinha”, “Alfredo e Josefina”, “O Senhor Padre Cura”, “Santa Genoveva” (este tema existe na memória do povo em forma de literatura de cordel, teatro, e prosa), “São João Baptista”, “Fado do ingrato”, “As freiras de Santo André”, “A viuvinha”, “O ladrão maldito”, “João e Balbina”, “Naufrágio do Lidador”, “Os mandamentos do amor”, “Mariana pela rua”, “Oh Juliana”, “Santa Isabel”, “A confissão de Nosso Senhor”, “Padre Nosso pequenino”, “A morte do queimado”, “A Batalha de La Lys em França”, “A menina de França”, “Dia de finados”, “A Virgem foi ao oiteiro”, “Carlos e Rosa”, “Carlos e Amélia”, “O canário”, “Eduardo e Emília”, “Gracinda Bela” e “Alfonso e Isolina”. Há grande quantidade de orações. As figuras de Carlos Magno, da Imperatriz Porcina, da Princesa Magalona, e de Dona Inês de Castro são muito populares, mas parece que o povo já não sabe contar as histórias respeitantes a estas figuras. Houve uns livros do fim do século passado sobre Carlos Magno que passaram de mão em mão e que já desapareceram. Consegui recuperar dois destes livros. Um já não tem as primeiras nem as últimas páginas. Outro que passou de mão em mão entre o povo na Graciosa foi traduzido do castelhano, para português, por Jeronymo Moreira de Carvalho e foi publicado em Lisboa no ano 1875. Dona Inês de Castro continua viva no teatro popular, mas o povo tem que apoiar-se na escrita. A Imperatriz Porcina existe num folheto no princípio deste século publicado em Fall River, Massachusetts (s.d.) pela Livraria Portuguesa, Editora de Manuel Capeto e Co. Foi enversado pelo cantor popular José Ignacio Farias, “natural da Freguezia de Santo António”. Esta livraria vendia folhetos sobre outros temas como: “A Santa Genoveva”, “D. Ignez de Castro”, “O casamento infeliz”, “Os homens da Cruz Vermelha” e “Os Martyres da Germania”. As duas primeiras destas figuras são as que foram mais divulgadas e que também figuram no teatro popular. A Imperatriz Porcina também foi vulgarizada pelas edições populares do Bazar Feniano no Porto ⁽¹⁾.

O resto da colecção consiste em ditados, adivinhas, adágios, lenga-lengas, canções líricas e bailes de roda e “chamarrita”, desafios e despiques, canções de trabalho, lendas e alguns elementos do teatro popular: conto como um texto cada colecção de cantigas de festas, especialmente as da “Festa do Espírito Santo”; de “O dia dos reis” e das “Romarias”. Fiz o mesmo com cada entrevista com os baleeiros sobre a terminologia da caça da baleia. Esta terminologia é baseada

no inglês arcaico. Seria útil fazer um estudo filosófico desta terminologia; comparando a sua utilização em cada lugar onde se caça a baleia. Há variação na utilização e pronúncia de lugar para lugar. Completar-se-iam assim outros estudos fonéticos da fala açoriana. A caça da baleia está a acabar. Os jovens não têm interesse em ser baleeiros. Há pouco mercado para a venda do óleo. A farinha vende-se melhor. Os baleeiros estão a abandonar as ilhas na primeira oportunidade que se lhes oferece. A indústria da caça de baleia existia nas ilhas desde o fim do séc. XVIII. O açoriano já tinha assimilado a terminologia mais cedo, ao entrar nos navios da Nova Inglaterra desde a primeira metade daquele século. Mas os americanos principiaram a indústria de baleia nas próprias ilhas em 1832. No entanto, o auge da caça da baleia inicia-se em 1849-50 no Faial quando o Côsul Americano Dabney se associou a Bensaúde formando a empresa conhecida agora como “Bensaúde Shipping Co.” Quando as vinhas no Pico foram destruídas em 1853 por uma doença (Phylloxera) muitos picoenses foram atraídos para a caça da baleia e assim ali se desenvolveu uma grande indústria⁽²⁾.

À parte das gravações, recolhi provérbios, vários folhetos antigos e cadernos escritos à mão incluindo literatura de cordel, acontecimentos locais, romances tradicionais, versos líricos, cantigas de baile e teatro popular ainda conservados nas mãos do povo que generosamente nos ofereceu ou nos emprestou.

O Romanceiro⁽³⁾

Temos no romanceiro tradicional dos Açores a sobrevivência de elementos duma época perdida sobre **La muerte del rey don Fernando**⁽⁴⁾. Dois fragmentos de romances sobre este tema foram recolhidos na Ilha de Santa Maria. Estavam ligados em conclusão à **Dona Silvana/Delgadina** numa versão e à **Silvana/Hermitaño** noutra.

O tema histórico **La muerte del príncipe don Alfonso** é muito popular em todas as ilhas dos Açores (cf. TB 54-55)⁽⁵⁾. Em geral concluí com “Não me enterrem em sagrado”.

O “Conde d'Alemanha” (Conde Alemán), é o mais frequente dos temas carolíngios que encontrei em todas as ilhas, excepto no Corvo e Faial (cf. TB 10; VRP 103-129, 996-999)⁽⁶⁾. Na Ilha de São Miguel há um fragmento solto do tema carolíngio **El Conde Claros vestido de fralde** e outro fragmento no meio dum conjunto: **Infantina/Caballero Burlado/Conde Claros fraile/Conde Olinos**. A “Mariana” (**Apuesta ganada**), precede este tema na Graciosa (cf. a mesma contaminação em VRP 75-91, 987); e nas ilhas das Flores, São Jorge e Terceira é chamado a “Imbolina” ou “Dona Angélica” e tem como introdução o **Mal encanto**⁽⁷⁾. Esporadicamente

podem-se achar ainda vestígios dum tema da época merovíngia no romance carolíngio “Floresvento” nas ilhas das Flores, São Jorge, e São Miguel (cf. TB 17-19; VRP 34-37, 985).

A Blancaflor y Filomena (MP 100) ⁽⁸⁾ de assunto clássico é conhecida como a “Triste viúva”, “Florbranca”, ou “Brancaflor” (cf. TB 50-51) nas ilhas das Flores, Pico, São Jorge, Terceira, Santa Maria e São Miguel.

Dos assuntos sobre “cativos”, temos um texto das **Hermanas reina y cautiva** (MP 48) da Ilha de Santa Maria (cf. VRP 630-639). Parece que esta versão veio por meio de transmissão oral sem intervenção recente de meios literários, embora este tema apareça agora nos livros do ensino primário. **Don Bueso y su hermana** (MP 49) (cf. A 15) em geral conclui a **Infantina/Caballero**⁽⁹⁾.

El cautivo del renegado (MP 51) é conhecido nas Flores, Pico e São Jorge (cf. TB 52-53; VRP 626-628). Um tema inglês **The Prisoner's Song** foi traduzido em português num disco cantado por Manuel Carvalho (**Victor Records** n.º 78736-A; Pat. n.º 896,059; Aug. 11, 1908) e chama-se “O canto do prisioneiro”. O povo do Faial, onde há muita influência inglesa, lembrava-se desta canção. Manuel Carvalho canta este canto com a mesma melodia em que se canta a balada em inglês ⁽¹⁰⁾. Possui outra variante dum emigrante que vive em San Diego, que é natural de Santa Cruz, Ribeiras da Ilha do Pico. Encontrei o próprio disco na casa dos irmãos deste emigrante, em Santa Cruz, Pico. Apesar de muitas pessoas se lembrarem de ter ouvido esta canção, quase ninguém conhecia a letra. Um tema dos cativos que não é conhecido no Romanceiro português de Leite de Vasconcelos é **La canción del huérfano** que encontrei nas ilhas da Graciosa, São Jorge, Terceira, São Miguel e Santa Maria (veja-se também TB 27-28). Na Ilha da Graciosa, **La canción del huérfano** existe conjuntamente com o tema tradicional do Prisioneiro (veja-se o tema tradicional do **Prisioneiro** em VRP 226-234).

A “Bela Infanta” **La vuelta del marido** [é-a], em geral conclui com **La vuelta del marido** [í] (Arbolero; MP 58). Este romance está muito influenciado pela versão publicada num livro de leitura da terceira classe do ensino primário e foi recolhido em todas as ilhas menos no Corvo (cf. TB 41; VRP 315, 317-319, 322 para esta contaminação). No entanto, algumas variantes resistiram à influência do “escrito” que os netos consideram mais certo que a memória da avozinha que já lhes parece meio esquecida. Também temos a “Bela Infanta” em contaminação com **La mujer guerrera** em São Jorge e São Miguel. Outro tema da volta do marido, “A noiva arraiana” (**La boda estorbada**: MP 60), é muito frequente em todas as ilhas, excepto na de Santa Maria e do Corvo (cf. TB 7; VRP 995).

O assunto do “amor fiel” é muito popular. Recolhi **El Conde Olinos** (MP 55) em todas as ilhas menos na Graciosa. Em São Miguel aparece em contaminação com outros temas como no exemplo da **Infantina/Caballero Burlado/Conde Claros vestido de fraile/ /Conde Olinos**, já citado. Também temos um texto de São Jorge onde o **Conde Olinos** conclui a **Silvana/Conde**

Alarcos (cf. o **Conde Olinos** em TB 32-33; VRP 235-248; A 18). **La aparición** (MP 56) termina o Bernal Francés nas Flores, São Jorge, e São Miguel (cf. TB 8-9; VRP 354-371, 1007-1009) e conclui o **Quintado** em todas as ilhas, excepto no Corvo, conforme a recolha feita ⁽¹¹⁾. O “Dom Fernando” (**Quintado/Aparición**) parece muito normalizado, talvez por meio de alguma forma de re-popularização.

Recolhi em todas as ilhas, menos no Corvo, o **Conde Alarcos** (MP 64) de assunto “o amor desgraçado”. Em geral, é introduzido pela “Dona Silvana” ⁽¹²⁾. Este exemplo do amor desgraçado é concluído com o amor fiel, num texto de São Jorge, **Dona Silvana/Conde Alarcos/Conde Olinos**, já mencionado acima.

Apareceram três exemplos da “esposa desgraçada”. Achei só um texto de **El parto en lejas tierras** (MP 68), conhecida como “Levanta-te tão Brande” em São Miguel (cf. VRP 552-553; A 66). A “Dona Helena”, (**La mala suegra**: MP 70) é muito popular em todas as ilhas excepto no Corvo (cf. TB 15-16; VRP 554-578; A 67-70). **La mujer del pastor** (MP 73) apareceu só nas ilhas das Flores, São Jorge, Graciosa e São Miguel.

Também temos três representantes do tema da “adúltera”. Encontrei só um texto da **Adúltera** (em assonante ó; MP 78) em São Miguel (cf. VRP 399-414; A 64-65). O “Frei João”, (**a Adúltera** em á-a; MP 80) é o romance mais popular sobre este assunto, em todas as ilhas com excepção do Corvo (cf. TB 78-79; VRP 732-734, 417-427, 1011; A 117-120). Combinou-se com a **Aparición** em São Miguel e, na Terceira, numa variante, precede o **Conde Alarcos/Aparición**. O **Bernal Francés** (MP 83) aparece nas ilhas das Flores, Faial, Pico, São Jorge, Terceira e São Miguel (cf. TB 8-9; VRP 354-371, 1007-1009; A 59). Este tema combinou-se frequentemente com o tema da **Aparición**, já mencionado. No Faial e Pico, é a **Delgadina** que introduz este tema. É curioso o caso seguinte: em Ponta Delgada da Ilha das Flores, gravando ao ar livre, quando acompanhava os foliões que cantavam, num sábado, atrás dos carros enfeitados e puxados pelos bois que levavam a carne para a distribuição de casa em casa, como parte da Festa do Espírito Santo, eles começaram a cantar o “Nicolae Françoilo” (o **Bernal Francés**), com uma toada característica das cantigas da Festa do Espírito Santo. Com as melodias extensas e os ritmos irregulares parecia que as sílabas se desprendiam das palavras. Até respiravam no meio da palavra, por causa do fim da frase musical ou ligavam a primeira sílaba duma palavra com o fim da palavra anterior por razão musical; ou então pelo contrário, a sílaba final duma palavra era ligada à primeira sílaba da palavra seguinte. Até os próprios cantores não percebiam o que cantavam. Depois, quando lhes pedi que recitassem estes versos, nenhum deles os sabia a não ser um antigo folião que já não cantava.

Qual foi a razão da assimilação deste romance pelas cantigas dos foliões? Em geral, o romanceiro é cantado nas toadas antigas, especialmente no “cantochoão”. Seria por razão de semelhança da

música, segundo o critério do povo, que se teria chegado a cantar este romance da **Adúltera** numa ocasião em que é paradoxal vê-lo surgir como na Festa do Espírito Santo? Parece que a assimilação foi feita com base num critério musical e não no assunto. O folião antigo, o único que conhecia o assunto, disse que era cantado pelos antigos na Festa do Espírito Santo, mas que não era cantado quando a coroa estava presente. Só se cantava quando a coroa ia para uma casa e os foliões ficavam na rua à espera ⁽¹³⁾. Os foliões, em Ponta Delgada das Flores, cantavam, horas seguidas, andando de casa em casa, até percorrer toda a freguesia num dia. Embora haja uma grande quantidade de canções dedicadas ao Espírito Santo, também há o recurso ao romanceiro para preencher estas horas seguidas a cantar.

Quanto ao assunto das “vinganças femininas” e “mulheres matadoras”, o **Rico Franco** (MP 85) foi re-popularizado por meio de um disco “O Fado da Dona Inez” interpretado por Manuel Carvalho (**Colombia Records**, n.º E 4368; 84692 patente 1901-1909) e é cantado, segundo a recolha feita, em todas as ilhas, menos no Corvo e em Santa Maria, com uma música que imita a melodia utilizada por Manuel Carvalho (cf. versões tradicionais, anterior à distribuição do disco, em TB 48-49; VRP 478) ⁽¹⁴⁾. Em toda a parte há uma normalização rigorosa nas palavras, conformando-se com a versão do disco. A variação é mínima. Achei este disco também em Santa Cruz, Ribeiras, Pico e na Casa do Trabalho, Nordeste, São Miguel. “O Fado de Dona Inez” teve uma grande influência na re-popularização e na uniformização dum tema já familiar no repertório do romanceiro popular. Em contraste, “O canto do prisioneiro”, de tema estranho para o povo, cantado pelo mesmo cantor e que se estendeu por toda a parte, não foi assimilado pelo povo como parte do seu repertório no romanceiro. Também o nome de **Dona Inez** está bastante ligado pelo povo com a figura histórica e trágica de **Dona Inez de Castro** que é figura que sobrevive muito especialmente devido ao teatro popular. Outro tema de vinganças femininas e mulheres matadoras que é muito frequente em todas as ilhas, menos no Corvo, é **El veneno de Moriana** (MP 86), às vezes chamada “Oh Juliana” ou “Oh Laureana” (cf. VRP 533-548; A 46). Nas ilhas de São Jorge, Terceira e São Miguel, combina-se como conclusão a **Apuesta ganada**. A versão que se chama “Oh Juliana” é muito cantada pelas pessoas de menos idade; até, recentemente, na Ilha, da Graciosa, foi re-popularizada por meio de uma dança para o tempo do Carnaval. No sítio do Bom Jesus, Santa Cruz, Graciosa, a dança foi criada pelo mestre de dança com base na canção; foi esta a versão que me foi cantada por uma rapariga do grupo, que, por sua vez, a aprendeu de outra pessoa mais velha. Encontrei outras pessoas que aprenderam este tema através da dança que foi representada em vários sítios da ilha no ano de 1968.

“O cego” (**El raptor pordiosero**: MP 92) é um dos temas que alcança maior expansão em todas as ilhas (cf. TB 76; VRP 517--532; A 25-29). Às vezes, conserva-se por meio do baile de roda e

está precedida pela canção do “ladrão” em São Jorge, Terceira e São Miguel. Num caso isolado, “O cego” introduz o tema do Rico Franco em Santa Maria.

Dentro do tema do “incesto”, a **Dona Silvana** (MP 98) aparece em todas as ilhas, menos no Corvo. Em geral introduz os temas da **Delgadina** e o **Conde Alarcos**, já mencionado acima (p. 236). Também introduz a “Dona Maria” (**El hermitaño**) em São Jorge; e na ilha de St.^a Maria, introduz o **Hermitaño/La muerte dei rey don Fernando** já referido (p. 234): **Dona Silvana/Delgadina/La muerte del rey don Fernando** na ilha de Santa Maria). O tema da **Delgadina** (MP 99) existe só ou em combinação com a **Dona Silvana**, em todas as ilhas dos Distritos de Angra e de Ponta Delgada ⁽¹⁵⁾. Também introduz a **Mala suegra** na Graciosa. Há um caso em que a **Delgadina** é precedida pela “Santa Bárbara”, em São Miguel. Não é conhecida no Distrito da Horta senão em contaminação: **Delgadina/Bernal Francés** nas ilhas do Faial e Pico. O **Gerineldo** (MP 101), assunto: “mulheres atrevidas”, está divulgado em todas as ilhas exceptuando a Graciosa (cf. TB 30-31; VRP 257-274, 1004; A 56). Um tema desconhecido no **Romanceiro** de J. Leite de Vasconcellos, **El mal encanto** (MP 108bis), assunto: “mulheres seduzidas”, introduz o **Conde Claros vestida de fraile** nas ilhas das Flores, São Jorge, Graciosa, Terceira e São Miguel (veja-se a nota 7, p. 234 acima).

“A condessa” (**Escogiendo novia**: MP 130), que pertence aos assuntos de várias aventuras amorosas”, existe em forma de um jogo de crianças em todas as ilhas (cf. VRP 682-683).

Dos assuntos de “burlas e astúcias”, pode encontrar-se **El caballera burlado** (MP 114), em quase todas as ilhas, com excepção das ilhas do Corvo e Santa Maria. Em geral, é introduzido pela **Infantina** e concluído pelo **Don Bueso** ⁽¹⁶⁾. A **Apuesta ganada** aparece nas Flores, São Jorge e São Miguel (cf. VRP 988-993) e combina-se com **Conde Claros vestido de fraile**, já referido (p. 234). Também introduz o tema d' **El veneno de Moriana** em São Jorge, Terceira e São Miguel, como já disse (p. 238). A “Bela Pastora” é muito frequente em todas as ilhas (cf. TB 77). O **Castigo del sacristán** (cf. TB 42: “Romance de Flor do Dia”) apareceu só nas ilhas de São Jorge, Santa Maria, e São Miguel.

Há uma grande quantidade de temas religiosos. Conhecem a “Santa Iria” nas ilhas das Flores, Pico, São Jorge, São Miguel, e Santa Maria (cf. TB 71; VRP 438-463). O **Jesus peregrino** é frequente em todas as ilhas, mas só o gravei nas ilhas do Corvo, Flores, São Jorge e São Miguel. Os romances sobre este tema estão a normalizar-se, por ele estar publicado num “Livro de Leitura” da Terceira Classe do ensino primário. Também achei este tema cantado como uma das canções da “Festa do Espírito Santo” e no “Lembrar das almas” em São Miguel. Outro romance frequente que recolhi em todas as ilhas, excepto no Faial, é a “Santa Bárbara”. É costume rezar a Santa Bárbara quando há trovões. Já foi indicado (p. 239) que este tema introduz a **Delgadina** num texto em São Miguel. A “Santa Catarina” apareceu-me nas Flores, Faial, São Jorge, Graciosa,

Terceira e Santa Maria (cf. TB 73). Encontrei a “Santa Teresa” só no Pico (cf. TB 74). Recolhi o romance dos “Três reis d'oriente” em todas as ilhas excepto no Pico e Santa Maria (cf. TB 63-64). Este romance conserva-se, em muitos casos, por causa do costume do “cantar os reis” na “Noite dos reis”, de 5 para 6 de Janeiro. Temos um romance sobre “Quem morre sem sacramentos” na Graciosa, São Jorge, Terceira e São Miguel. O “Raminho d'ouro de Nossa Senhora” está divulgado em todas as ilhas, excepto no Corvo. Outros temas religiosos que apareceram nos Açores e que talvez pertençam ao romanceiro tradicional, tratam de Santa Isabel, Santa Ana, Santa Maria lavando panos no rio, Santa Clara, São José, São Pedro e Santo António.

De assuntos vários, temos em todas as ilhas menos no Corvo, conforme a recolha feita, a **Mujer guerrera** (MP 121) que é conhecida como “Dom Varão” (cf. TB 11-12; VRP 183-202, 1002-1003; A 49). O tema de **La infantina** (MP 114) apareceu em todas as ilhas, menos no Corvo e em Santa Maria. Em geral, introduz **El caballero burlado** (veja-se pp. 234 e 239). A “Nau Catrineta” está vulgarizada em todas as ilhas, mas como é o mais divulgado pelos livros de leitura da escola primária, só tentei gravar as versões menos influenciadas por estes livros, nas ilhas do Faial, Pico, Graciosa, São Jorge e São Miguel (cf. TB 37-40; VRP 598-603; 1015- -1016). Recolhi a **Fiebre amarilla** em todas as ilhas, com a excepção de São Jorge. É possível que tivesse alcançado alguma expansão por meio de folhetos, no fim do século passado ou no princípio deste século. De vez em quando, os antigos falavam dum “livro” com este tema, mas nunca o vi (cf. também A 48) ⁽¹⁷⁾. Em São Jorge e Santa Maria, temos um tema aparentemente desconhecido, entre os temas pan-hispânicos. É o que trata de “Dona Maria” ou o que eu tenho designado como **El hermitaño** que, às vezes, é introduzido pela Silvana (cf. TB 43). Em São Miguel, encontrei só uma versão deste tema, cantada em Vila Franca por Telma de Fraga Cardoso Medeiros, afilhada do Padre J. Luís de Fraga. É curioso que o Pe. Fraga não publicou este romance no seu livro “Cantares Açorianos” ⁽¹⁸⁾. Telma é natural da Ilha das Flores e aprendeu este tema com a mãe do Padre Luís de Fraga, também da Ilha das Flores. É sabido que o Pe. Fraga ensinou vários temas e canções das Flores aos jovens de São Miguel como por exemplo às raparigas na Casa do Trabalho de Nordeste. Depois de elas se casarem, estas canções já começam a ser transmitidas a outros locais ⁽¹⁹⁾. Contudo, nunca achei este tema em São Miguel senão quando foi cantado por Telma. Apareceu nas ilhas das Flores, Pico e São Jorge o tema de **Las bodas de sangre** (cf. TB 26, “Romances da Condessa”). Achei a “Batalha de Lepanto” ou o “Dom João da Armada” (cf. TB 44-46) nas Flores, Pico e São Jorge. Só uma copla de “Tão alta vai a lua” (**Conde Alernán y la reina**) existe em todas as ilhas excepto na Graciosa e Santa Maria. Em São Miguel, encontrei uma variante que tem mais versos tradicionais do que só a copla. No Faial e no Pico; existe um fragmento da “Rosa na roseira”, também só com copla ⁽²⁰⁾. Outro fragmento flutuante “Não me

enterrem em sagrado” (**Testamento de enamorado**) que, no geral, conclui **La muerte del príncipe don Alfonso**, existe sem a contaminação de outros temas, na ilha de São Jorge.

Nos Açores, quanto a assuntos sobre animais, temos “Os frangainhos (ou passarinhos) novos querem casar” ou “O casamento de filha do galo” que se compara com **El piojo y la pulga** na Galiza (cf. A 137-146). Em São Jorge, temos dois temas sobre o gato. Um destes, o “Gato Bela-saúde” também é conhecido em São Miguel. Nenhum destes textos sobre o gato corresponde ao **Don Gato** já recolhido por Leite de Vasconcellos e por Carré Alvarellós (cf. V 641, 1017; A 121-122).

Outros temas que provavelmente pertencem ao romanceiro, tratam da “Dona Flória” ou “Dona Flora” (cf. TB 35) no Pico, São Jorge, Terceira e Santa Maria; as “Duas comadres” ou “As comadres” em Graciosa e Santa Maria; “Florinda” em Santa Maria; “Dom Pedro” nas Flores e no Pico; e “Dona Lizarda” (cf. TB 36) nas Flores, Corvo, Pico, São Miguel e Santa Maria. Isso representa a identificação dos temas sem ter transcrito as mil variantes e estudá-las minuciosamente.

Os temas que foram recolhidos nos Açores, e que não aparecem nos **Cantos populares do Archipélago açoriano** de Teóphilo Braga, são os seguintes: **La muerte del rey don Fernando** (r)⁽²¹⁾, “O canto do prisioneiro” do romance inglês **The Prisoner's Song** (r), **El prisionero** (r), **o Quintado**, **El parto en lejas tierras** (r), **La mujer del pastor**, **La adúltera (ó)** (r), **El veneno de Moriana**, **Escogiendo novia**, **Apuesta ganada**, **Fiebre amarilla**, os temas de animais (sobre o gato são raros), a maior parte dos temas religiosos (exceptuando “Santo António”, “Santa Catarina”, “Santa Iria”, “Santa Teresa”) e os outros temas que provavelmente pertencem ao romanceiro tradicional como “As comadres” (r), “Florinda” (r) e “Dom Pedro” (r).

Conforme esta recolha, os romances dos Açores que não aparecem no **Romanceiro português** de José Leite de Vasconcellos são os seguintes: **La muerte del rey don Fernando** (r), **La muerte del príncipe don Alfonso**, **Blancaflor y Filomena**, “O canto do prisioneiro” de origem inglesa citado acima, **La canción del huérfano**, **El mal encanto**, “A bela pastora”, **El castigo del sacristán** (r), a maior parte dos temas religiosos (excepto “Santa Iria”, “O raminho d' oiro da Nossa Senhora” e **Jesus Peregrino**), a **Fiebre amarilla**, **Hermitaño** (r), **Bodas de sangre** (r), os temas de animais e os outros temas prováveis de “Dona Flória” ou “Dona Flora”, “Florinda” (r), “Dom Pedro” (r) e “Dona Lizarda”. As versões das “Comadres” (r), nesta recolha, não correspondem necessariamente às do **Romanceiro português** de Leite de Vasconcellos.

Com excepção do romance de origem épica de **La muerte del rey don Fernando**, “O canto do prisioneiro”, a **Fiebre amarilla**, vários assuntos religiosos, temas de animais, e outros romances prováveis como “Dona Flora”, “Florinda” e “Dom Pedro”, já tinham aparecido os outros temas da nossa recolha, nas colecções de Leite de Vasconcellos e de Teóphilo Braga. O maior valor

desta pesquisa consistiu em obter mais textos do romanceiro, sejam já conhecidos ou não, que conservaram elementos arcaicos. Nos Açores encontram-se muitos arcaísmos, pelo facto do arquipélago ficar na periferia da Europa e por continuar uma vida antiga em que o romanceiro floresceu. Precisamos duma boa quantidade de textos do romanceiro português para melhor facilitar os estudos destes temas comparativamente com os correspondentes, pan-hispânicos ou pan-europeus, e também para melhor estudar a divulgação destes temas nas próprias ilhas. Assim se poderá perceber melhor se há muita variação em cada tema ou, pelo contrário, se houve uma normalização: se é realmente raro ou frequente na tradição açoriana e se é conhecido só das pessoas antigas ou também continua com vitalidade entre as pessoas de menos idade.

Agora, em geral, há pouca vitalidade do romanceiro na vida do povo. Em muitos casos, o povo continua as actividades em que o romanceiro existia, mas já acabou o romanceiro. Há ruptura na união da família com a grande emigração. Em muitos casos, a avó ficou sozinha, já com toda a sua família (ou pelo menos a maior parte) no estrangeiro. Há abandono. O romanceiro desaparece neste ambiente. Em muitos casos o abandono em certos lugares tem sido tal que a vida comunitária se desfaz e desaparece. Em outros lugares entrou dinheiro estrangeiro e cada família se sustenta a si mesma. Assim, vai desaparecendo a convivência com os outros na comunidade. Há menos interdependência com os vizinhos. Diminuem destarte as reuniões e conseqüentemente há menos comunicação. Existem outros recursos para se distraírem quando se reúnem. Os que podem, já têm rádios com que se entretêm em casa. Para a vida comunitária, existe o recurso aos filmes ou danças com discos de música moderna. Há grande tendência para imitar o estrangeiro. Assim, o romanceiro como passatempo e entretenimento realmente não tem função, senão em poucos lugares e em casos raros. O romanceiro para acompanhar os trabalhos mais aborrecidos como desfolhar milho ou favas, cardar e fiar, tecer, procurar lenha, pescar, tratar das vacas na serra, amassar pão, lavar roupa ou loiça, cozinhar, etc., ainda tem alguma função na vida do povo, mas, em geral, este, hoje, canta mais as canções propagadas nas emissoras ou discos ⁽²²⁾.

Levei comigo, de sítio e de freguesia em freguesia, uma ou duas máquinas Uher 4400 Report Stereo de quatro velocidades diferentes e com uma bateria seca ⁽²³⁾. Para certos lugares isolados levei quatro baterias secas. Cada bateria dava para oito horas seguidas de gravação. Assim, durante quatro dias completos de recolha podia ficar nos lugares mais isolados onde faltava a electricidade. Na Caldeira de Santo Cristo, Ilha de São Jorge, o lugar mais isolado de todas as ilhas, foi utilizada toda a reserva de baterias. Não há estradas nem para *jeep*, nem acesso por barco.

Há uns quantos barcos de pesca, mas só para o mar calmo. O correio chega lá três vezes por semana se não fizer mau tempo. Alguns rapazes acarretam a farinha e outros víveres para a “venda” ao público. Fora disso, a comunidade raramente tem contacto com o resto da ilha por causa da rocha alta, a distância e a falta de transporte. No entanto as casas maiores foram construídas com dinheiro estrangeiro por meio dos emigrantes que trabalharam fora e voltaram para construir e viver na sua terra natal. É frequente em todas as ilhas construir casas com dinheiro ganho em terras estrangeiras.

Chegava a cada freguesia, em geral, com aviso prévio de apenas um ou dois dias ao pároco ou professora que me ajudavam a arranjar alguém para me acompanhar a procurar as pessoas mais idosas e as mais indicadas de menos idade. Em alguns casos o próprio padre ou a professora me acompanharam. Em geral, levava as máquinas comigo à entrada na freguesia. Durante os dias de semana, gravava as histórias na primeira ocasião, nas próprias casas destas pessoas que continuavam com os seus trabalhos ou por algum tempo descansavam. Em certos casos fazia primeiro uma sondagem na parte da manhã, e, na parte da tarde, voltava para gravar as versões oferecidas pelas pessoas mais indicadas. Nos fins-da-semana e dias de festa, houve casos em que o povo pelo pré-aviso da parte do pároco ou pela sondagem feita num dia anterior, se reunia no salão paroquial. Nesta situação, fazia um inquérito geral para todos perceberem o que mais interessava. Às vezes as pessoas mais indicadas estavam presentes já no salão. Caso contrário, recomendavam outras na freguesia e logo eu as procurava nas suas casas. O contista sente-se em muitos casos à vontade com o povo presente. Ao contrário, as pessoas que sabem o romanceiro, em geral, sentem vergonha dos outros presentes, por não serem os cantores da freguesia e pelo receio de, em razão do esquecimento, virem a interromper alguma destas narrativas compridas, em verso. O romanceiro parece ser comunicado ou transmitido em nível mais íntimo ou em ambientes mais limitados. Deve ser uma das razões que explicam o facto de mesmo os que sabem grande quantidade de romances não serem reconhecidos pelos outros, e por isso, ser difícil de encontrá-los. Os próprios filhos e os netos me disseram muitas vezes que não sabiam que a mãe ou a avozinha conhecia destas histórias em verso e que nunca as tinham ouvido, apesar de conviverem durante trinta ou quarenta anos. Era frequente, no princípio, dizerem-me os filhos e os netos que a mãe ou a avó já estavam muito esquecidas e que não deviam saber nada disso. Às vezes custava convencê-los do contrário e que interessava falar com elas apesar de já estarem esquecidas. Algumas destas “esquecidas” foram as que tiveram maior repertório de romances. É raro achar uma pessoa conhecida na comunidade por saber muitas histórias, que realmente saiba os romances tradicionais e não apenas contos, literatura de cordel ou os acontecimentos publicados em folhetos; a não ser em certas freguesias em que

o romancero ainda não sofrera um desprezo total, mas fazia parte de certa convivência pela forma de vida ainda antiga.

Este desprezo por parte do povo chega a ser total. Até as próprias pessoas que conheciam maior quantidade de romances me disseram ao princípio que não sabiam nada destas coisas. Houve sempre o problema da vergonha em contar as histórias que já havia muito que não cantavam. O analfabeto que depende completamente da memória, sente-se muito inseguro quando reconhece que está a faltar-lhe a memória. Julga que já não é capaz de reproduzir fielmente. É necessário citar versos e sugerir temas, com certa persistência, até que comece a lembrar e finalmente a contar algum romance. O analfabeto preferia relegar-me a uma pessoa que soubesse ler e que tivesse “maiores conhecimentos”. Em muitos casos, o povo, ao saber que me interessava por histórias, me dirigiu às pessoas educadas na freguesia, de três a quatro anos de escola, para contar-me a história de Portugal que se lê nos livros. Ficavam confundidos quando eu explicava que quanto mais analfabeto, tanto mais me interessava. No geral, constatei que os que aprenderam a ler e escrever não tinham decorado muitos romances, mas sim as histórias publicadas nos folhetins populares. São os analfabetos que têm desenvolvido este tipo de memória decorando pelo ouvido e não pela escrita.

Depois duma pessoa contar um romance, era frequente dizer que já não se lembrava de mais nada. Mas com certa persistência, se pode descobrir outro romance e partir assim para a descoberta de muitos outros. O informante julga que actualmente não se lembra de mais nada. Era raro achar quem espontaneamente sugerisse romances sem por algum texto exercitar-se a memória.

Tive pouca dificuldade em vencer a desconfiança de parte do povo por eu ser estrangeira e andar com gravador que a maior parte das pessoas nunca tinha visto. O gravador nos lugares mais isolados causou muita admiração. Encontrei mais desconfiança ao princípio, em certos lugares mais isolados nas ilhas das Flores e Santa Maria. O máximo de tempo que levei para ganhar a confiança nestes lugares foi cerca de duas horas. Depois, o povo quase sempre manifestava muito boa vontade em contribuir para esta colecção. O único problema, além da desconfiança, era o desprezo que o povo tinha pela sua própria tradição oral no romancero. Julgava que as cantigas e bailes tinham maior importância por causa do reconhecimento turístico, através de grupos folclóricos ou discos já feitos por outros investigadores sobre cantigas regionais. A música nas cantigas e bailes tem maior graça ou “piada” segundo o critério do povo. Mesmo as pessoas que cantam os romances dizem que são feias e a música não tem graça é monótono e por isso não encanta. No romancero, a música é secundária ao narrativo. Mas agora com o turismo, rádios, discos, e “grupos folclóricos”, estes estão a influir no critério do povo que até julga o romancero pela toada em que está cantada e não pelo narrativo a que o som conduz. O povo

está deixando de cantar o romance. Disseram-me muitas vezes que estes romances eram cantados, mas agora havia pouca vontade de os cantar, pelo que apenas recitavam os versos. Em determinados lugares onde há mais abertura e convivência mesmo no isolamento, após meia hora de contacto com o povo na localidade, vizinhos curiosos de todas as partes apareciam. Isto ajudou o meu inquérito na medida em que todos compreenderam o que me interessava e eles próprios procuravam ajudar-me revelando as pessoas mais indicadas na freguesia.

O romanceiro é denominado pelo povo por vários nomes conforme a localidade: “trovas”, “décimas”, “casos”, “tragédias” e “aravias”. Mas esta classificação pelo povo também inclui a “literatura de cordel” e versos de acontecimentos locais. Como manifestação de desprezo total, muitos folhetos destes últimos géneros e colecções particulares que incluíam os romances foram queimados numa “limpeza” de casa, em vários lugares, poucos meses ou semanas antes de eu lá chegar. Este desprezo da parte do povo deve ter começado há alguns anos, apesar dos vários intentos neste século no Distrito da Horta em recolher as tradições orais levados a efeito pelos excelentes trabalhos de Júlio Andrade, Pe. Júlio da Rosa, Pedro da Silveira, Pe. J. Luís de Fraga e o louvável esforço do sr. Jacob Tomás que através da sua vida contribui para a recolha estupenda do Dr. Armando Côrtes-Rodrigues. Mas os romances raramente apareceram nas colecções destes escritores tão observadores das tradições orais. Um livro valioso e inédito neste distrito dedicado particularmente à recolha dos romances, **Romances** por Lino Santos (sem data e sem lugar) de Santa Cruz, Flores, nunca chegou a ser publicado. Este caderno foi descoberto no verão de 1969 entre outras obras de Lino Santos pelo espírito sagaz de Leonel Caldeira Nóia, seminarista em Angra, natural de Ponta Delgada das Flores que teve a gentileza de entregar-me o caderno para sua publicação eventual. No Distrito de Angra, Elsa Brunilde Lemos de Mendonça incluiu optimamente uns romances que encontrou na Ilha de São Jorge, na sua dissertação de licenciatura “Ilha de S. Jorge — Subsídio para o Estudo da Etnografia, Linguagem e Folclore Regionais”, publicada no **Boletim Histórico** da Ilha Terceira, vols. 19/20, (1961-1962). Mons. Inocêncio Enes nos Altares, Terceira, transcreveu ciosamente uns romances no seu artigo: “Tradições populares da Freguesia dos Altares da Ilha Terceira” (sep. do **Boletim Histórico da Ilha Terceira** (Angra, 1945). Quando fui para o local designado pelo nome de Altares, Mons. Enes generosamente fez com que eu contactasse com a pessoa que oferecera a maior parte do conteúdo do seu artigo, há uns vinte e cinco anos. Tive uma entrevista com ela, procurando ver se ela se lembrava de outros temas de que se tivesse esquecido na altura em que Mons. Enes fizera a sua recolha. Lembrou-se de alguns mais. Perguntei porque não tinha oferecido estes temas há vinte e cinco anos. Respondeu que não se lembrava bem deles mas tinha a certeza de que os poderia lembrar melhor naquele tempo do que então. Nisso temos mais um exemplo de como o romanceiro sofreu desprezo, em razão do esquecimento parcial

em tempos anteriores pouco remotos e foi preterido pelo povo a não ser nos temas em que o povo se sentiu mais conhecedor (v. g. os temas mais conhecidos e populares por re-popularização por meio de jogos, bailes ou danças e livros de leitura). No Distrito de Ponta Delgada, o Dr. Armando Côrtes-Rodrigues com grande gentileza deu-me a oportunidade de ver a sua magnífica compilação de cantigas líricas, rimas, adágios, ditados, e versos de várias qualidades com versões antigas e muito completas que já foram esquecidas pelo povo. Mais uma vez, os romances tradicionais raramente aparecem. É raro o povo invocar espontaneamente os romances. Segundo um discurso por Dr. F. Carreiro da Costa que foi publicado sobre “Armando Côrtes-Rodrigues — Etnógrafo e Folclorista” (vid. *Insulana*, 1960, vol. 16.º, p. 338 e seg.) alude ao seu “cancioneiro popular”:

“O **Cancioneiro Popular Açoriano** em questão está previsto para aparecer em dois volumes, sendo um constituído apenas por quadras e outro chamado **Romanceiro**, por **Rimas Várias e Devocionário**. O 1.º volume, em 1 de Outubro de 1959 continha já 12:216 quadras, agrupadas em 24 temas diferentes: Deus, Amor, Sentimentos vários, Saudade, Família, Vida Humana, Corpo Humano, Vestuário, Antroponímicas, Mar e Terra, Toponímicas corográficas, Meteorológicas, Fauna, Flora, Firmamento, Cartas, Tempo, Humorísticas e Satíricas, Sentenciosas, Balhos, Ciclo do Natal, Espírito Santo, Várias.

O segundo volume compreenderá, como dissemos, três partes: O Romanceiro, Rimas Várias e Devocionário. O **Romanceiro** conterà 22 romances novelescos, 5 marítimos, 3 mouriscos e 12 vários, num total de 42 com temas diferentes, mas acompanhados no seu conjunto de 146 variantes. O **Devocionário** comportará 241 composições agrupadas em 18 temas. Por sua vez, o Adagiário Popular Açoriano apresentava já em Outubro último (de 1959) 3.824 adágios”.

Em face deste desprezo nos últimos anos, temos no princípio deste século indícios de esforço para manter o romanceiro vivo pelos meios de re-popularização. Um dos meios é por discos como “O Fado de Dona Inez” e “O canto do prisioneiro” que introduz um tema estranho à tradição portuguesa. “A Bela Infanta”, “Nau Catrineta” e **Jesús Peregrino** foram re-popularizados nos livros de leitura do ensino primário. Também o povo do Faial e talvez no Pico apanhou cópias duma colecção de romances numa edição popular que, com efeito, é uma re-publicação dos textos, até na mesma sequência, nos Cantos populares do **Archipélago Açoriano** de Teóphilo Braga. A edição popular é intitulada:

Cantos populares açorianos Cancioneiro e romanceiro

Edição popular, Horta, 1902

Typografia Editora Minerva Insulana

Dá crédito ao Dr. João Teixeira Soares de Sousa que fez a recolha em São Jorge para a obra que foi estudada, comentada e publicada em nome de Teófilo Braga na introdução seguinte:

“Exgotadas as poucas edições que têm tido os cantos populares d'este archipelago, entendeu o editor prestar um apreciável serviço à alma popular publicando em edição barata, ao alcance de todos, os Cantos Populares Açorianos, recolhidos e concertados pelo distinto homem de letras, o ilustre jorgense Dr. João Teixeira Soares de Sousa, de saudosa memoria.

Como são raríssimas as obras d'este género, e têm reconhecida utilidade pratica recreando o espírito e avigorando no sentimento popular a tradição dos seus cantos, é de crer que esta publicação tenha do público um benévolo acolhimento”.

Como não há menção nenhuma de Teophilo Braga, parece que há intento de realçar o valor do trabalho de Dr. João Teixeira Soares de Sousa ⁽²⁴⁾.

Este livro, no Faial, teve uma grande influência na re-popularização do romanceiro. O povo nesta altura ainda apreciava apaixonadamente estes textos do romanceiro nos serões. Era frequente no campo, no Faial, a gente elucidar-me dum parente antigo que lia os romances dum livro, e os que podiam, decoravam estes romances de ouvido. Assim foi impellido o editor a publicar a edição barata para recrear o espírito e avigorar “no sentimento popular da tradição dos seus cantos...”. O povo falava deste livro, mas nunca o tinha em casa. Já foi completamente consumido pelo povo e por fim como estavam todos os exemplares já bastante estragados, e como em altura mais recente já não tinham importância, foram dados para divertimento aos netos que infelizmente os fizeram desaparecer por completo. Recuperei umas folhinhas encontradas em gavetas em casa de alguns populares o que prova que existiam nas mãos do povo. O único exemplar completo que achei, foi conservado na Horta e estava encadernado e agora está arquivado na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Angra do Heroísmo, graças à atenção imediata do excelentíssimo Director, Dr. Manuel Coelho Baptista de Lima. Apesar da intenção explícita do editor “prestar um apreciável serviço à alma popular publicando em edição barata, ao alcance de todos, os Cantos Populares Açorianos...” parece que este livro não chegou a ser divulgado fora das ilhas do Pico e Faial. Talvez a paixão por este livro nestas duas ilhas, e como era barato e, portanto, acessível ao povo, fosse bastante para esgotar todos os exemplares do mesmo. Nem parece que tenha chegado às mãos do povo jorgense.

Na Graciosa, o Cancioneiro de músicas populares contendo letra e música..., vol. II, de C. das Neves e G. de Campos (Porto, 1895) influenciou a tradição em certos temas que foram tocados ao piano e cantados pelo povo na Praia de São Mateus. É possível que este livro também tivesse influência na tradição nas ilhas do Faial e Pico. Seria de grande interesse fazer uma comparação dos textos que apareceram nos **Cantos populares do Archipélago açoriano** de Teófilo Braga

há um século (1869) em São Jorge com as versões de agora sobre os mesmos temas nesta ilha, para ver a sua evolução, transmitidos pela tradição oral dentro do espaço dum século.

Seria interessante também fazer um esquema da distribuição dos mesmos temas de ilha para ilha, tomar nota onde foram conservadas as versões mais arcaicas, e comparar este esquema com a tradição e divulgação dos temas no Continente. Apesar da influência de vários meios de re-popularização e apesar do grande desprezo que o romanceiro tem sofrido pelo menos nos últimos vinte anos; foram conservadas nas ilhas dos Açores versões muito arcaicas e de tremenda importância dos temas pan-hispânicos e pan-europeus.

Joanne B. Purcell

(1) — Cf. F. C. Pires de Lima, “Literatura de Cordel” nas Actas do 1.º Congresso de Etnografia e Folclore promovido pela Câmara Municipal de Braga (de 22 a 25 de Junho de 1956) Vol. I (Lisboa, 1963), Biblioteca Social e Corporativa, pp. 91-108. Veja-se: Emperatriz Porcina (1738); História Verdadeira da Princesa Magalona (Lisboa, 1744); História de João de Calais (Lisboa, 1814). Também nos diz que em Lisboa começaram as primeiras edições portuguesas em 1665 da “Tragédia do Marquês de Mântua e do Imperador Carlos Magno.”

(2) — As informações sobre a caça da baleia foram fornecidas pelo Dr. F. Carreiro da Costa de Ponta Delgada, São Miguel, e por um investigador metucioso neste assunto, o inglês Trevor Housby, que está a publicar o resultado da sua pesquisa no seu livro *The Hand of God*.

(3) — Os temas sublinhados estão escritos em espanhol para facilitar os estudos pan-hispânicos no romanceiro tradicional.

(4) — Cf. C. Colin Smith, *Spanish Ballads*, (Oxford, 1964) pp. 88-91: “King Sancho II and The Siege of Zamora”. As versões que encontrei na Ilha de Santa Maria correspondem ao n.º 14, pp. 88-89 (onde Colin Smith cita o texto n.º 35 da *Prim.* que veio do *Canc. de Rom.* “sin afio”, c. 1548), e ao n.º 15, pp. 89-91 (citado do texto n.º 36 da *Prim.* que veio da Silva de vários romances de 1550). Disse que Menéndez Pidal tem versões orais modernas do Algarve e dos Açores (pp. 90-91).

(5) — TB = Braga, Th., *Cantos populares do Archipélago açoriano*, Porto, 1869.

(6) — VRP = Leite de Vasconcellos, J., *Romanceiro português*, 2 vols., Coimbra, 1958-1960.

(7) — Cf. o tema do *Mal* encanto no romance “Chralinda” em TB 24; veja-se o *Conde Claros vestido de Fraile* no romance intitulado “Dom Carlos Montealvar” em TB 25.

(8) — MP = Menéndez Pidal, R., “Catálogo del romance: o judio-español”, CE, I (1906), 1045-1077; V (1907), 161-199. *Republicado em El Romancero: Teorias e investigaciones* (Madrid,

[1928], pp. 101-183, e como o “Romancero judio-español” em *Los romances de América y otros estudios*, 6.º ed. (Madrid, “Austral”, 1958), pp. 114-179.

(9) — A. = Carré Alvaiellos, L., *Romanceiro popular galego de tradición orai*, Oporto, 1959.

Cf. TB 1-2; VRP 203-225; A 14 para a mesma contaminação.

(10) — Dr. D. K. Wilgus, do *Center for the Study of Comparative Folklore and Mythology* na University of California, Los Angeles, identificou esta balada e a melodia, conforme foi cantada pelo emigrante do Pico, que a cantou em imitação da toada no disco, já mencionado.

(11) — Cf. VRP 372-388, 1010, 1023; A 51-52 para esta contaminação tradicional; veja-se também o *Quintado* em VRP 389-398.

(12) — Cf. TB 29; VRP 130-182, 1001; A 71-72 para esta contaminação. Veja-se também o *Conde Alarcos* em VRP 1022; A 73.

(13) — Esta situação paradoxal também pode relacionar-se com os abusos pagãos que o povo praticava nesta festa, segundo é implicado pelas várias proibições episcopais. Veja-se: Ten. Cor. Frederico Lopes “Memória sobre as Festas do Espírito Santo na Ilha Terceira dos Açores”, no *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, vol. 15, 1957, pág. 132-133.

(14) — Os textos em TB 48-49, recolhidos em São Jorge, também levam nome de D. Inez.

(15) — Cf. *Silvana/Delgadina* em TE 4-5; VRP 482-483, 486, 491, 501-503, 506-507, 513-514; A 81. Veja-se a Delgadina em VRP 479-514; A 77-79. (16) — Veja-se p. 234, nota 9 Cf. TB 1-3; VRP 203-225; A 11-12, 14. 11-12, 14.

(17) — O povo diz “livro” quando se refere a um folheto.

(18) — Cf. Pe. J. Luís de Fraga, “Cantares Açorianos”, Sep. Vol. I, *Atlântida* (Angra, 1963). No entanto o Pe. Luís de Fraga conservou ciosamente este romance escrito pela mãe entre os seus apontamentos.

(19) — Pe. Luís de Fraga recolheu diligentemente, por meio de gravação, canções de vários lugares de São Miguel que merecem a atenção de ser publicadas com a música antes que as fitas de gravação se estraguem completamente por razão da humidade.

(20) — Veja-se a primeira copla no romance “Rosal-florido” (La novio abandonada em TB 14. (21) — A letra (r) indica os temas mais raros encontrados nesta recolha e que sito os seguintes: *La muerte del rey don Fernando*, *Hermanas reina y cautiva*, *El cautivo del renegado*, “O canto do prisioneiro”, *El prisionero*, *El parto en lejas tierras*, *La adúltera* (ó), *El castigo del sacristán*, *Ei hermitaño*, *Las bodas de sangre*, o fragmento da “Rosa na roseira”, temas sobre o gato, “As comadres”, “Florinda” e “Dom Pedro”.

(22) — Também, várias vezes me disseram que se recitavam estes romances entre outras histórias em verso quando velavam um defunto.

(23) — As baterias = “drylit PC” de 6V e 2,6 Ah.

(24) —Dr. Carreiro da Costa apresenta uma evolução do valor real de autoridade numa palestra feita em Maio de 1969 acerca do *Centenário dos Cantos Populares...* em que se refere às palavras de Teóphilo Braga na sua dedicatória ao Dr. João Teixeira Soares e às de Leite de Vasconcellos acerca da obra de Teóphilo Braga ser reimpressa com o título de *Cantares Populares Açorianos*.

PURCELL, Joanne B. “A riqueza do romanceiro e outras tradições orais nas ilhas dos Açores”. *Atlântida*, vol. XIV, (1970), p. 223-252.